

O afro-gaúcho Oliveira Silveira, o poeta da consciência negra

» MAMAU DE CASTRO
Professor, poeta e compositor

O afro-gaúcho Oliveira Silveira foi poeta, escritor, professor, pesquisador da cultura, política e história afro-brasileira. Um sábio líder guerreiro, defensor das causas negras pela igualdade social. Um dos idealizadores do Vinte de Novembro como o Dia da Consciência Negra. Abençoador por santos e orixás, Oliveira Silveira nasceu na área rural de Rosário do Sul, em 1941. Iniciou seus estudos em casa, pois no sítio em que morava, residia sua professora. Mais tarde mudou-se para a região central do município, ingressando no ginasial. Depois mudou-se para Porto Alegre, onde cursou o clássico e o curso de Letras na UFRGS.

Iluminado pelo dom da palavra, a literatura surge em sua vida na infância com a poesia popular, quadrinhas e versos de polca. As narrativas, os causos contados pelos mais velhos, os sábios griôs, influenciaram sua formação literária. Do contato com os livros, nasce a inspiração para escrever. Em 1958 publicou seu primeiro poema regionalista. No início o linguajar rural identificava seu estilo. Também escreveu poemas românticos, mas notabilizou-se pela temática da consciência negra. Sua poesia é incisiva, com denúncias socioculturais, relatando a verdadeira história do negro no Brasil, e assim transmitindo uma filosofia educativa de conscientização.

A poesia de Oliveira Silveira caracteriza-se pelo grande teor de consciência e forte emoção. “Encontra suas origens” nos seios da Mãe Preta, no Batuque, tuque-tuque do tambor. É “Semba” de África no compasso encantado do coração, iluminada por uma força ancestral. A literatura afro-gaúcha do mestre tem beleza, resistência e consciência social. Faz das palavras um quilombo sociocultural. Uma pátria afro-brasileira em verso e prosa.

O professor Oliveira Silveira foi um dos idealizadores do 20 de novembro como o Dia da Consciência Negra. Essa data começou a ser destacada em 1971, provavelmente em um dos tantos encontros que um grupo de negros combatentes da discriminação racial fazia na Rua da Praia, no centro de Porto Alegre. O Grupo Palmares defendia o 20 de novembro em oposição ao 13 de maio, contra-atacavam que a Abolição fora uma farsa política, que abriu os cadeados da senzala, mas fechou as portas da



sociedade para o negro. Já o 20 de novembro deveria ser reverenciado por marcar a data de morte de Zumbi dos Palmares, o grande herói negro, líder do maior e mais importante quilombo brasileiro. Zumbi viveu, lutou e morreu em busca da liberdade, de melhores condições para o povo negro.

Em 1971, Oliveira Silveira criou a *Revista Tição*, a primeira a abordar a temática racial, valorizar a cultura e destacar negros notáveis da época e da história. Nos anos seguintes, fortaleceu sua luta em defesa das causas negras, atuando intensamente nos grupos Razão Negra, Associação Negra de Cultura, Tição, Semba Arte Negra. Foi integrante da Comissão Gaúcha de Folclore e do Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial. Em 1978 participou da fundação do Movimento Negro Unificado (MNU), em São Paulo. Produziu e publicou artigos e reportagens para jornais e revistas, contos, crônicas, ensaios em obras coletivas, alguns exercícios em texto teatral paradigmático, música popular. Participou de antologias: *Cadernos Negros*, *Axé*, *Cadernos Literários*. *A Razão da Chama*, *O Negro Escrito*, *Poesia Negra Brasileira*.

Teve textos publicados na Alemanha, numa coletânea de autores negros brasileiros, nos Estados Unidos em revistas universitárias, e um poema musicado na Suécia. Foi agraciado com importantes distinções: menção honrosa da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro, pelo livro *Banzo, saudade negra*, Medalha Cidade de Porto, Medalha Mérito Cruz e Souza; Troféu Zumbi, Comenda Resistência Civil Escrava Anastácia, da Rua do Perdão; Tesouro Vivo Afro-Brasileiro.

Participou em Osório da celebração de Moçambique, que representa a cerimônia de coroação da Rainha Nzinga e do Rei Congo, ritual de tradição africana. Oliveira Silveira foi um guerreiro popular e intelectual que lutou a vida toda pela inclusão dos negros em todos os espaços da sociedade. Combateu a discriminação, as desigualdades, defendendo a justiça racial. É o Poeta da Consciência Negra, o professor e militante afro-gaudério, que dedicou sua vida à família, aos amigos, à profissão e ao seu povo negro que tanto amou. Deixou um rico legado à poesia afro-gaúcha, ou melhor, à cultura afro-brasileira. Agô, Oliveira Silveira, Motumbá Axé!

Assim, foi-se

» PATRICIA BOSON
Engenheira Civil da Conciliare Consultoria Socioambiental

Mais por intuição do que por uma análise, sempre achei que a forma como se concluiu a Operação Lava-Jato teve muita responsabilidade pelo desmonte e pela imagem negativa da engenharia nacional. Como consequência, perdas, desde as mais imediatas, como o desemprego, até as de longo prazo, como as perdas tecnológicas, com a inevitável perda de competitividade. Um desastre para qualquer plano de desenvolvimento da nação.

O jornalista Daniel Rittner, em brilhante artigo, *E o Porto de Mariel e o metrô de Caracas?*, publicado em jornal de grande circulação, demonstra que, de fato, o desenlace da Lava Jato foi mesmo um desastre para a nossa engenharia. Não cabe aqui transcrever o artigo, portanto, as argumentações apresentadas por Rittner. Sugiro a leitura e, mais detalhadamente, a assistir a conversa de Daniel com Mario Vitor Santos, TV 247.

Merecem destaque quatro informações que, a meu ver, passaram despercebidas. A primeira: créditos ofertados pelo BNDES para obras de infraestrutura em países em desenvolvimento, especialmente na América Latina, compunham um modelo de exportação dos serviços da engenharia nacional. Trata-se de modelo adotado em vários países, elaborado e proposto ainda no governo do Fernando Henrique Cardoso, ao qual o governo Lula deu continuidade.

A segunda: o BNDES não teve prejuízo.

Poderia ter aplicado melhor, com resultado de maior retorno do que nesse modelo? Talvez. Mas, não tomou calote como nos fizeram acreditar.

A terceira: repito aqui frase do jornalista posta no artigo, “ganhar dinheiro exportando serviços de engenharia não é para quem quer. É para quem pode. E o Brasil detém essa expertise”.

A quarta: os inúmeros casos de corrupção e malfeitos claros, ocorridos em outros países, dos famosos como a Volkswagen e o dieselgate, até os menos conhecidos. O jornalista Daniel os aponta, sem negar que existiram também nas empresas envolvidas na Operação Lava Jato, mas com desfecho diferente. As operações apontadas condenaram as pessoas físicas culpadas, os CPFs, levou a multas volumosas, com reversão para o bem da sociedade, mas sem falir, sem destruir as empresas, ou os CNPJs. Relevante citar o exemplo de empresas espanholas de engenharia, que viveram corrupção semelhante, mas, nem por isso, a justiça espanhola levou as empresas à destruição, continuam atuando.

É de impressionar nossa imaturidade política, tão bem revelada no recente processo eleitoral, assim como na mídia, nos dirigentes e representantes políticos da época. Impressiona também o poder da vaidade que cega os heróis de ocasião, especialmente aqueles cuja função exige imparcialidade.

Mas o que mais impressiona é o silêncio das empresas de engenharia remanescentes, das associações e instituições dos profissionais de engenharia, de nós engenheiros e engenheiras, com raríssimas e pontuais exceções.

Não me lembro de nenhuma manifestação séria voltada para uma proposição que fizesse, sim, justiça, mas que evitasse que se jogasse a água suja da banheira com o bebê dentro.

A importância da operação Lava Jato é indiscutível, mas seus benefícios não podem ser questionados, ou mesmo diminuídos frente aos evidentes efeitos colaterais. Destacando aqui, entre os prejuízos mencionados, os atrasos advindos das perdas de conhecimento e tecnologia, que se agravaram com o tempo, devido ao necessário período para sua recomposição e o desgaste da imagem de uma das mais importantes profissões, a engenharia: a arte de engenhar soluções para qualidade de vida, todas as vidas.

Imbuída do sentimento de resgate da engenharia nacional, pelo bem de Minas e do Brasil, no apoio a iniciativas que possam recolocar nos editais nacionais de grandes licitações a boa engenharia brasileira, retomo frase do elucidativo artigo, “ainda dá tempo de resgatar essa nossa vantagem competitiva” (expertise na exportação de serviços de engenharia). “Sem faniquito, sem uso eleitoral” e com os necessários ajustes, “mas exitosa, ao fim e ao cabo”.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Bola de cristal

Uma das razões que levavam os políticos e outros próceres da República a almejam sinecuras e acessos facilitados à fabulosa máquina pública do país, é que nesses nichos de riquezas, construídos com a poupança da sociedade, se encontram uma miríade de empresas estatais reluzentes e rendosas, todas elas de portas escancaradas à espera de repetidos ciclos já conhecidos. Estatais são vítimas passivas de crimes que não resultam em punição. Trata-se aqui de um verdadeiro arquipélago formado por ilhas da fantasia, onde a pirataria política prepara uma festa à luz do dia, sem remorsos ou repreendas.

Fosse o Estado brasileiro desprovido totalmente desse tipo peculiar de empresa, que nunca entra em regime de falência, a carreira política perderia muito de sua atração, esvaziando as disputas. É atrás dessas joias do Estado que se engalfinham os partidos, sobretudo aqueles de maior poder de barganha. Até aqui, não há novidade alguma. O último grande escândalo de corrupção envolvendo o sumiço de bilhões de reais ocorreu justamente numa dessas grandes empresas e por isso mesmo foi batizada de “petrolão”. Da Petrobras, desapareceram, segundo estimativas subdimensionadas, apresentadas em estudos econômicos, algo em torno de R\$ 19 bilhões, entre os anos 2004 e 2012. Das 187 empresas estatais existentes, mais da metade apresentou balanços negativos no período entre 2003 e 2014. A sangria dessas empresas, transformadas em cabide de empregos e em autênticos “caixa dois” dos partidos, só pode ser contida em parte a partir da promulgação da chamada Lei das Estatais (Lei 13.303/2016) no governo Temer.

Por meio dessa lei, aprovada pelo poder Legislativo, foi estabelecido o estatuto jurídico de empresas públicas e sociedades de economia mista que trabalham com comercialização de bens de prestação de serviços. Criou-se a partir dessa data uma espécie de governança interna nessas empresas, até para emprestar à essas instituições um certo ar de seriedade, exigidos nas transações com outros países.

Surpreendentemente, nesses últimos cinco anos em que a lei vigorou, essas empresas voltaram a apresentar balanços positivos, chegando, como no caso da Petrobras a apresentar superávits seguidos. Somente esse ano a empresa anunciou um lucro de R\$ 44,5 bilhões apenas no primeiro trimestre. No segundo trimestre esses números saltaram para R\$ 54, 3 bilhões, superando todas as previsões anteriores. Os Correios alcançaram R\$ 3,7 bilhões em 2021. São números extraordinários para empresas que conheceram o inferno. Agora a Lei do Teto de Gastos e mesmo a Lei das Estatais, voltam a ser letras mortas. Aprovada na Câmara à toque de caixa, a “flexibilização” da Lei 13.303, irá permitir uma volta ao passado, acabando com a quarentena de 36 meses para que a indicação ao Conselho de Administração e para a diretoria de estatais fosse feita.

Caso venha a ser aprovada também no Senado, como se espera, a Lei das Estatais valerá como no passado o que leva a crer um desastre anunciado que desvalorizará as estatais também como no passado.

O caso mais rumoroso nesse regresso à um passado que se acreditava morto, é que o desmanche da Lei 3.303 foi pensada, num primeiro momento apenas para alojar no comando do BNDES. Mas a senadora Gleisi Hofmann tranquiliza a população: “Nós sabemos como essas empresas funcionam. É a iniciativa privada que corrompe”, diz a atual presidente do PT.

» A frase que foi pronunciada

O socialismo é o fantasioso irmão mais jovem do quase decrépito despotismo, do qual quer herdar; suas aspirações são, portanto, no sentido mais profundo, reacionárias. Pois ele deseja uma plenitude de poder estatal como só a teve alguma vez o despotismo, e até mesmo supera todo o passado por aspirar ao aniquilamento formal do indivíduo: o qual lhe aparece como um injustificado luxo da natureza e deve ser transformado e melhorado por ele em um órgão da comunidade adequado a seus fins.

Friedrich Nietzsche filósofo alemão do século XIX 1844 – 1900

Expectativa

» Na posse de 1º de janeiro, todos os convidados terão que mostrar aos seguranças com quem eles estão falando. É que a tecnologia aplicada não dispensa a apresentação do convite com QR code. Outra novidade desenvolvida pelo Prodasen é a sincronização das informações sobre o convidado e o convite emitido. Segurança Prodasen, Relações Públicas, Secretaria de Comunicação estão sintonizados para o conforto de todos os presentes.

Até hoje

» Quem nos remete aos anos 1960 é Geraldo Vasconcelos. Lendo as últimas histórias de Brasília, registradas por Ari Cunha, o pioneiro aponta para o problema dos boxes e mercadinhos das 700. Uma área nobre completamente abandonada.

Agenda

» Quem perdeu algum concerto natalino, tem Razão do Natal, hoje e amanhã, na QI 13 do Lago Norte, na Igreja Batista.

» História de Brasília

A fiscalização da Prefeitura está complacente demais. No HP3, próximo ao Colégio Dom Bosco, há um senhor que construiu uma residência de madeira, com todos os requisitos de conforto, o que não quer dizer que seja provisório. (Publicada em 14.03.1962)